

VERGÈS, FRANÇOISE. **UM FEMINISMO DECOLONIAL.**

SÃO PAULO: UBU, 2020.

Ligia Thomaz Vieira Leite¹

Uma introdução ao pensamento feminista decolonial

Publicado pela primeira vez em 2019, antes da pandemia do coronavírus assolar o mundo, "Um feminismo decolonial", da cientista política reunionesa Françoise Vergès, traz reflexões fundamentais para qualquer pessoa que se proponha a pesquisar a sociedade desde os países colonizados. A autora, que se dispõe a pensar o trabalho invisível e mal remunerado de limpeza realizado na França principalmente por mulheres racializadas, elabora sua tese a partir de uma relevante revisão histórica e bibliográfica que coloca as pensadoras feministas dos países colonizados em um lugar de destaque na história do movimento feminista. O trabalho escancara os valores coloniais e racistas por trás do pensamento feminista hegemônico, denominado pela autora "feminismo civilizatório", indicando como este se permitiu ser cooptado pela direita neoliberal no final do século XX e início do século XXI. Propõe, portanto, um pensamento feminista decolonial fundado em uma luta coletiva que tenha como foco a elaboração sobre as articulações entre patriarcado branco, Estado e capital e a busca por destituí-los.

A primeira parte do trabalho se dedica a definir o feminismo decolonial enquanto tema de estudo. Nessa empreitada, a autora inicia pontuando suas divergências com o feminismo civilizatório, tratando de sua trajetória enquanto mulher, dentro dos movimentos feminista e anticolonial. Com foco especial no cenário francês, denuncia a "falsa inocência" do feminismo branco focado na atuação individual, a partir da qual as mulheres brancas europeias se eximiram e ainda hoje se eximem de suas responsabilidades pela política colonial de seus Estados invocando a dominação masculina. É a partir desta perspectiva que nos é apresentado o feminismo decolonial como fruto da luta das mulheres racializadas pelo direito de existir. Ele não se resume, conforme exposto, a uma nova onda ou uma nova geração dos feminismos civilizatórios,

¹ Mestranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Graduada em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e com graduação interrompida em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)..

Resenha: Um Feminismo Decolonial

mas se desenvolve como um movimento que recupera e valoriza filosofias, saberes, literaturas e imaginários antes apagados pelo colonialismo e pelas vertentes do feminismo que a ele vão se aliar – o feminismo civilizatório.

A autora segue para trabalhar a necessidade de um feminismo que leve em conta a história dos movimentos feministas nas colônias e que não se contente em pensar a colônia como ponto subsidiário na história. Destaca a necessidade da transversalidade para esse movimento que não deve, portanto, ambicionar tornar-se a teoria ou método únicos, mas tão somente contribuir para a vasta gama de leituras, movimentos e teorias feministas decoloniais. Uma abordagem multidimensional também caracteriza o pensamento feminista decolonial, que entende as diferentes formas de opressão, não como categorias excludentes ou hierarquizadas, mas como múltiplos fios que, articulando-se, são sustentados simultaneamente. Um requisito estabelecido no livro para qualquer pessoa que pretenda pesquisar neste campo é pensar conjuntamente patriarcado, Estado e capital, observando as conexões que existem entre os três sistemas de dominação e combatendo todas as formas de opressão.

Ponto fundamental para a compreensão do pensamento da autora, ela destaca que:

(...) o gênero não existe em si mesmo, ele é uma categoria histórica e cultural que evolui no tempo e não pode ser concebido da mesma maneira na metrópole e na colônia. Tampouco pode ser concebido do mesmo modo em colônias diferentes ou no interior de uma única colônia. Para as mulheres racializadas, afirmar o que é, para elas, ser mulher, foi um campo de luta. As mulheres, como eu disse, não constituem em si uma classe política. (VERGÊS, 2020b, p. 61).

Foca, em seguida, na França, expondo as incoerências da doutrina republicana com relação ao passado colonial do país e seu presente pós-colonial. Trata do apagamento das lutas anti-colonialistas e do racismo estrutural do qual afirma não escapar nenhuma instituição. Denuncia, ainda, os racismos e orientalismos que alimentam o feminismo civilizatório e a cumplicidade dos organismos internacionais com relação a esta vertente, principalmente em um cenário de ascensão do neoliberalismo pós-1970.

Resenha: Um Feminismo Decolonial

Em sua primeira parte, afinado com os debates contemporâneos, o livro segue na linha de críticas já produzidas pela autora em textos anteriores, mas também por pesquisadoras como Valerie Bryson, Angela Davis, Grada Kilomba, e mesmo Judith Butler. Como estas teóricas feministas, Vergès traz um olhar deslocado daquele praticado pelo feminismo conhecido nas redes como "*mainstream*". A reflexão da autora, porém, direciona suas críticas ao teor civilizatório deste feminismo e foca na produção social e acadêmica de mulheres que são dele excluídas, especificamente, as mulheres racializadas e de países colonizados.

Na segunda parte da obra, a autora se debruça mais detidamente sobre a situação dos movimentos feministas franceses ao final do século XX, por uma perspectiva que dá a entender que o movimento ocorre de maneira semelhante em várias partes do globo. Critica de início uma mobilização que se diz a favor da laicidade e que, por isso, condena o uso do véu por mulheres muçulmanas como um símbolo da opressão feminina. Esse pensamento, diretamente relacionado ao feminismo civilizatório, é absorvido pela agenda humanitário-liberal, que passa a localizar as mulheres brancas europeias no lugar de salvadoras das mulheres racializadas do Terceiro Mundo, estas últimas, sempre sendo vistas como vítimas da opressão de seus Estados, seus maridos, pais ou irmãos e nunca como protagonistas de suas próprias vidas. Ocorre, assim, portanto, um apagamento total das lutas e movimentos feministas dos países colonizados, que são postos em segundo plano, em detrimento do movimento pela liberdade individual das mulheres, tema que vai cada vez mais identificar os feminismos hegemônicos com a pauta neoliberal, aprofundando-se, assim, a perspectiva mercantil/colonizatória.

Esta iniciativa, porém, na visão da autora da Ilha da Reunião, consolida-se como mais uma forma de dominação colonial, que vai medir a integração das mulheres racializadas nas sociedades ocidentais a partir de sua incorporação das práticas desta sociedade e do conseqüente distanciamento de suas famílias e comunidades. Em seguida, a autora aponta as incoerências subjacentes a essa aproximação entre o feminismo e os ideais liberais, demonstrando como a redução das desigualdades entre homens e mulheres a uma mera questão de mentalidade faz desaparecer os antagonismos estruturais existentes entre os dois, de quem é e quem não é considerado sujeito.

Resenha: Um Feminismo Decolonial

Sobre essa diferença de subjetivação, importa referenciar o trabalho da psicóloga e teórica feminista portuguesa de origem angolana e tomeense, Grada Kilomba, cuja trajetória acadêmica foi amplamente influenciada por pesquisas anteriores de Vergès (GRADA Kilomba & Françoise Vergès : “Memoires de la plantation, épisodes de racisme ordinaire”, 2021). Nos primeiros capítulos de seu “Memórias da plantaçãõ: episódios de racismo cotidiano”, a pesquisadora se debruça sobre o processo de dessubjetivação a partir da dominação colonial, tratando especificamente do lugar da fala no colonialismo e como este é utilizado para caracterizar, principalmente, a mulher racializada como esse Outro a ser dominado (KILOMBA, 2019). A pesquisa da autora portuguesa conversa em muitos pontos com a de Vergès e a leitura conjunta dos dois trabalhos pode muito enriquecer as pesquisas que se debruçam sobre um ou outro dentre eles.

Em seguida, a autora reune-se e se debruça sobre o conceito de femonacionalismo – a exploração de temas feministas por nacionalistas e neoliberais² – compreendendo-o como encadeado às práticas colonizatórias anteriormente expostas. É nesse ponto que atinge o cerne de sua pesquisa: como as campanhas de políticas xenofóbicas e racistas, ao se aliarem a motes feministas, passam a utilizar-se da ideia de que a dominação masculina estaria enraizada e seria inerente às culturas do Sul global – e não às culturas ocidentais. A “emancipação” das mulheres racializadas provenientes destas culturas somente se daria através da entrada no mercado de trabalho, particularmente no setor de cuidados com a pessoa – dentro do qual incluem-se não só as ocupações de cuidado individual, como também a limpeza, no papel de um trabalho de cuidado coletivo – de modo a suprir a demanda por mão de obra na metrópole. Assim, expõe a lógica que justifica a perpetuação das desigualdades, racismo estrutural e sexismo, demonstrando a continuidade das práticas civilizatórias.

A autora demonstra, ainda, como a organização da migração de mão de obra feminina vai corresponder a um momento de mudança nas demandas por mão de obra no capitalismo francês, assim como a um momento de reorganização política nos territórios ultramarinos, após a independência da Argélia. Destaca, também, que a identificação dos movimentos

² Nesse mesmo sentido se guiam algumas das pesquisas do grupo Global Contestations of Women’s and Gender Rights, coordenado pelo Zentrum für Interdisziplinäre Forschung, da Universidade de Bielefeld, na Alemanha, cuja consulta pode ser interessante para as leitoras e leitores que se interessarem por este desenvolvimento específico do trabalho de Vergès.

feministas com as mobilizações de busca pela liberdade individual foram uma estratégia para alcançar a legitimação por parte desses movimentos perante o Estado, que passou a usar o feminismo como arma política e ideológica contra o Islã – através da imposição do abandono do véu, como símbolo da opressão das mulheres muçulmanas, e da associação da laicidade e liberdade do corpo feminino com os ideais republicanos. Desse modo, foi possível fazer com que os feminismos abandonassem, assim, seu adversário histórico: o patriarcado branco, o Estado e o capital. Essa adesão ao Estado por parte do feminismo civilizatório, portanto, teria provocado o apagamento das dimensões coletiva e combativa dos movimentos feministas em geral, agora sendo representados de forma mais pacificada e focada na atuação individual.

Aponta Vergès, ainda, que as estratégias de apagamento da luta feminina não se dão somente na história do ocidente, sendo repetidas também entre os movimentos revolucionários racializados, que celebram as figuras masculinas, silenciando as mulheres heroínas. O apagamento das lutas de mulheres tem, ainda, mais um resultado negativo, já que geram uma confusão acerca dos reais objetivos da emancipação feminina. A autora também trata da integração de identidades “minoritárias” nas sociedades ocidentais a partir de sua comercialização, que, para as mulheres racializadas, está relacionada à sua força de trabalho. O trabalho realizado por estas mulheres, porém, gera um intenso desgaste de seus corpos e sua remuneração está longe de ser adequada.

É desse modo que a autora propõe uma divisão do mundo entre limpeza e sujeira “baseada numa divisão racial do espaço urbano e da moradia” (VERGÈS, 2020b, p. 127). Em seu entendimento, a economia do desgaste dos corpos os divide entre aqueles que têm direito ao descanso e à boa saúde e aqueles cuja saúde não importa, que não têm o mesmo direito ao descanso. Ela afirma que o capitalismo é um sistema produtor de lixo, cujo funcionamento depende que este lixo seja mantido longe da vista de quem tem direito a uma boa vida, mas que, para isso, deve ser tratado justamente por aqueles seres humanos cuja vida não importa, cuja própria vida é fabricada para ser também “lixo”. Na França, quem tem esse papel designado para si são os homens e mulheres – principalmente mulheres – racializados, que devem também ser invisibilizados perante aqueles de “vida boa”.

Resenha: Um Feminismo Decolonial

O livro se encerra tendo explicitado as relações intrínsecas entre as forças colonizatórias e a pacificação dos movimentos feministas, com o direcionamento do foco de sua luta para as liberdades individuais. Escancara os valores coloniais e racistas que fundamentam diversas ações e teoria destes feminismos civilizatórios, que apagam o protagonismo das mulheres racializadas e de países colonizados. Às leitoras e leitores que se ocupam da pesquisa em ciências sociais, abre inúmeras possibilidades de reflexão dentro da proposta feminista decolonial e desperta a curiosidade sobre os desenvolvimentos de sua exposição sobre a divisão do mundo entre limpeza e sujeira. Trata-se, assim, de uma leitura extremamente envolvente, que instiga a curiosidade sociológica de quem lê e apresenta novos caminhos possíveis para a pesquisa realizada desde os países da margem do capitalismo.

Referências

BRYSON, Valerie. **Feminist Debates**: issues of theory and political practice. New York: Palgrave Macmillan, 1999.

BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. New York: Routledge, 2004.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GRADA Kilomba & Françoise Vergès : "Memoires de la plantation, épisodes de racisme ordinaire" [*s./; s.n.*]. 25 abr. 2021. vídeo (73 min). Publicado pelo canal Editions Anacaona. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=OSiJ_FMm3sc>. Acesso em: 28 set. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

VERGÈS, Françoise. **The wombs of women**. Durham: Duke University Press, 2020a.

_____. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu, 2020b.